





# **AVÓS E NETOS**

*Uma Viagem de Afetos*

Aida Baptista • Alzira Serpa Silva • Ana Paula Laborinho • Ana Paula Ribeiro  
• Anabela B. Freitas • António Galopim de Carvalho • Bill Moniz • Carmen  
Carvalho • Clara Abreu • Diniz Borges • Maria da Conceição Ruivo • David  
States • Domingos Marques • Eduardo Bettencourt Pinto • Graça Castanho  
• Inez Marques • Maria Isabel Macedo Fernandes • João Martins • Joaquim  
Ribeiro • José Alves Jana • Lená Medeiros de Menezes • Leonida Milhões •  
Madalena Balça • Manuel da Costa • Manuela Marujo • Maria Helena da  
Bernarda • Osvaldo Ribeiro • Sidónio Bettencourt • Susete Polónia • Vilca  
Marlene Merízio • Ana Clotilde Thomé Williams • Artur Filipe Santos •  
Ana Luísa Silva • Aurelino Costa • Beatriz Jalles • Carl Cassell • Catarina  
Matos • Célia Cármen Cordeiro • Daniel Bastos • Delmar Maria Gonçalves  
• Dulce Figueiredo • Esmeralda Cabral • Geni Brito • Gociante Patissa •  
Isilda Jana • Joana Ramos • José (Medeiros) Andrade • Kátia Casimiro •  
Laura Simão • Manuel Lopes • Maria Moitinho • Mário Jorge Sousa • Marta  
Martins da Silva • Maria Zita Pires • Raquel Maia Ferreira • Raquel Monteiro  
• Roberto Medeiros • Rosa Maria Neves Simas • Shara J. Almeida • Zília  
Duarte Gonçalves

# AVÓS E NETOS

*Uma Viagem de Afetos*



## **Ficha técnica**

**Título:** Avós e Netos - Uma viagem de Afetos

**Organização:** Aida Baptista, Manuela Marujo

**Ilustração:** Aguiñ Soulaj

**Design e paginação:** Editora Alma Letra

[www.almaletra.pt](http://www.almaletra.pt)

[www.facebook.com/AlmaLetraEdicoes](https://www.facebook.com/AlmaLetraEdicoes)

[info@almaletra.pt](mailto:info@almaletra.pt)

1ª edição, Viseu, junho 2024

**Tiragem:** 1000 exemplares

**ISBN:** 978-989-9140-14-1

**Impressão e acabamentos:** Publito - Artes Gráficas

**Depósito legal:** 534601/24

## Índice



### *Avós*

<b>Nota de Abertura</b> .....	13
<b>Testamento de Avó</b> - Aida Baptista .....	15
<b>Memória e Saudade</b> - Alzira Serpa Silva .....	19
<b>Como Água que Emerge Límpida</b> - Ana Paula Laborinho .....	23
<b>Dá-me a Tua Mão, Ana Clara</b> - Ana Paula Ribeiro .....	27
<b>Conversas de Amor</b> - Anabela B. Freitas .....	31
<b>O Outro Castelo dos Mouros</b> - António Galopim de Carvalho .....	35
<b>Carta à Minha Neta Madison</b> - Bill Moniz .....	39
<b>Avó Maior de Idade</b> - Carmen Carvalho .....	41
<b>Como os Cinco Dedos da Mão</b> - Clara Abreu .....	45
<b>Unidos pela Descoberta</b> - Diniz Borges .....	49
<b>Viagem entre Duas Mãos</b> - Maria da Conceição Ruivo .....	53

<b>Bubbup e Yshai</b> - David States .....	57
<b>Para o Meu Neto ao Fazer 12 Anos</b> - Domingos Marques .....	61
<b>Carta à Jemadean</b> - Eduardo Bettencourt Pinto .....	65
<b>Netos: Amor à Primeira Vista</b> - Graça Castanho .....	69
<b>O Meu Menino Chegou, mas Era Outro</b> - Inez Marques .....	73
<b>O Meu Presépio</b> - Maria Isabel Macedo Fernandes .....	77
<b>Avô, Avô ... Quero Ser como o Meu Avô!</b> - João Martins .....	81
<b>Aconteceu no Oeste</b> - Joaquim Ribeiro .....	85
<b>Deus do Céu aos Trambolhões</b> - José Alves Jana .....	89
<b>Tornar-se e Ser Avó</b> - Lená Medeiros de Menezes .....	93
<b>Alinhavos no Tempo</b> - Leonida Milhões .....	97
<b>Tu És a Estrela</b> - Madalena Balça .....	101
<b>Nascido para Correr</b> - Manuel da Costa .....	105
<b>Perdida nas Intenções</b> - Manuela Marujo .....	109
<b>Cantilena da Vó Lena</b> - Maria Helena da Bernarda .....	113
<b>A Dor de Ter Deixado de Ser Avô</b> - Osvaldo Ribeiro .....	117
<b>O Avô Mora no Rádio</b> - Sidónio Bettencourt .....	121
<b>O Significado dos Nomes das Minhas Netas</b> - Susete Polónia .....	127
<b>Amor, Sublime Amor</b> - Vilca Marlene Merízio .....	131





### *Netos*

<b>A Bênção, Vó</b> - Ana Clotilde Thomé Williams .....	137
<b>Das Highlands aos vales do Douro</b> - Artur Filipe Santos .....	141
<b>Mariana e o Mar</b> - Ana Luísa Silva .....	145
<b>Carta</b> - Aurelino Costa .....	149
<b>Celeste Costa - a minha avó poeta</b> - Beatriz Jalles .....	151
<b>Samuel Cassell, o avô “garveyita”</b> - Carl Cassell .....	155
<b>O Espelho da Idade</b> - Catarina Matos .....	159
<b>Prece à Minha Querida Avó</b> - Célia Cármen Cordeiro .....	163
<b>Doces Memórias da Minha Avó Materna</b> - Daniel Bastos .....	167
<b>Nostalgia Africana</b> - Delmar Maria Gonçalves .....	173
<b>Como Folhas que Caem</b> - Dulce Figueiredo .....	175
<b>A Maria do Rosário e o António</b> - Esmeralda Cabral .....	179
<b>Madrinha Maria — Minha Avó Benzedeira</b> - Geni Brito .....	183
<b>A Vida Curta de Uma Flor</b> - Gociante Patissa .....	187
<b>A Avó que nunca se Deixou Amar</b> - Isilda Jana .....	191
<b>A Minha Avó É Uma Árvore</b> - Joana Ramos .....	195

<b>O Meu Avô Cícero de Medeiros</b> - José (Medeiros) Andrade .....	199
<b>O Velho Baú</b> - Kátia Casimiro .....	203
<b>As Brasas do Ferro da Avó Lela</b> - Laura Simão .....	207
<b>A Mãe-madrinha</b> - Manuel Lopes .....	211
<b>Odisseia 1916 – O Meu Avô</b> - Maria Moitinho .....	215
<b>A Mesa da Avó Belmira</b> - Mário Jorge Sousa .....	221
<b>As Paredes Estão Inteiras, Avô!</b> - Marta Martins da Silva .....	225
<b>Saudades da Avó Joaquina...</b> - Maria Zita Pires .....	229
<b>Olhar de Neta</b> - Raquel Maia Ferreira .....	231
<b>Uma 4L Chamada Liberdade</b> - Raquel Monteiro .....	235
<b>Se Emigrasse não Seria Minha Avó</b> - Roberto Medeiros .....	239
<b>O Avô que a Emigração me Tirou</b> - Rosa Maria Neves Simas .....	243
<b>Sólidas Origens</b> - Shara J. Almeida .....	247
<b>A Sapiência da Analfabeta</b> - Zília Duarte Gonçalves .....	251



*“O nosso apelido tem uma história e um percurso.  
Na linha enviesada da estirpe  
somos a consequência de uma miríade de passos  
e vidas que nos antecederam”.*

Eduardo Bettencourt Pinto



## Nota de Abertura

Depois do sucesso de “Avós - Raízes e Nós”, que obrigou a uma 2.<sup>a</sup> edição, impunha-se a publicação de um segundo livro com esta temática que nunca se esgota.

“Avós e Netos – Uma Viagem de Afetos”, hoje dado à estampa, tem um formato diferente. Enquanto o primeiro contemplava apenas testemunhos de netos, este contém 30 narrativas de netos e outras tantas de avós, num diálogo intergeracional de reciprocidades. Se os avós marcam de forma indelével a vida dos netos, estes, de igual forma, marcam a vida dos avós. Entre ambos – avós e netos – estabelece-se uma relação biunívoca, como um sistema de vasos comunicantes por onde circula a densidade dos sentimentos que enriquecem os dois lados da equação. Este conjunto de 60 narrativas, diversificadas na forma, no conteúdo e na proveniência, ao facultarem a entrada na intimidade confessional dos testemunhos, é a tradução fiel dessa combinação.

Na capa da 1.<sup>a</sup> publicação, a árvore era a metáfora da expressão da nossa ancestralidade que nos permite trepar pelo tronco das sagas familiares, onde se encontram as mais arraigadas tradições, consubstanciadas nos sabores, nos odores, nas lengalengas, nas crenças, nas superstições, no conjunto de vivências distantes tornadas presentes

por força do convívio entre avós e netos. Nesta, temos a água, a viagem, a passagem da vida – a dos netos e a dos avós – banhadas por um rio comum de vivências. Durante a travessia que une as duas margens do tempo, ficam os vestígios de um vasto repositório cultural que, à luz da Convenção da UNESCO de 2003, é considerado Património Imaterial da Humanidade e, em muito, contribui para a definição de uma trajetória familiar identitária.

Se, como escreveu Oscar Wilde, “a memória é o diário que todos trazemos connosco”, então podemos concluir que a condição de avós e netos preenche muitas das páginas do nosso diário interior, válido para qualquer etnia, credo, estatuto social, latitude ou longitude, porque a geografia dos afetos ou a falta deles paira acima de qualquer nomenclatura que categorize as emoções.

Assim, este livro é seguramente uma ponte entre presente e passado, modernidade e ancestralidade, numa troca interativa de saberes entre avós e netos.

*Aida Baptista*

*Manuela Marujo*

## Testamento de Avó

*Aida Baptista*, Professora

Desejei-vos desde que me casei e tive filhos, mas não dependia de mim tornar esse desejo realidade. É daqueles presentes com que sonhamos, mas nunca sabemos se um dia o iremos ter nas mãos para com ele poder brincar. Mas o sonho, esse, viveu anos grávido de esperas. Acarinhava-o, clandestinamente, não fosse ele desfazer-se pela força de qualquer impedimento. Esperei pelo tempo certo - aquele em que os filhos se tornam adultos e começam a traçar a rota dos voos das suas vidas. E, sem ser ouvida, conversava comigo: “Um dia serei avó”.

Antes de o ser, tentei adivinhar-lhes rostos, imaginá-los nos meus braços, embalá-los no meu colo e, depois, de mão dada, a darmos os primeiros passos a caminho do futuro: do deles e do meu.

Um dia aconteceu: a chegada do primeiro e, cinco anos depois, o segundo! Dois seres indefesos, pequeninos, cujo tamanho havia já esquecido. A sensação única de reviver os primeiros tempos em que

fui mãe. Mas nunca me ouviram dizer “ser avó é ser mãe duas vezes”. Nada de mais errado! Partilhamos os meses de gestação com a manifesta inquietude de que tudo corra bem! No entanto, não vivemos as dores do parto, o desconforto do ingurgitamento dos seios doridos antes da amamentação, as noites mal dormidas, o choro que nem sempre se consegue descodificar quando se vive ainda no universo de interrogações das estreias: fralda suja, fome, sede, sono, cólicas, ou a necessidade de mimo no aconchego de um colo?

Ser avó é um estádio de pura contemplação! É voltar a ter um bebé em casa, olhá-lo num deslumbramento de silêncios, decifrar todos os pequenos gestos, até que surjam os momentos em que começamos a interagir e, dia supremo, aquele em que das suas bocas brota o chamamento mágico - avó - que sela definitivamente o nosso novo estatuto.

\*\*\*

A casa havia sido construída de raiz e, ao lado do quarto, que mais tarde passou a ser o dos vossos pais, havia uma porta contígua para uma arrecadação sem acabamentos: chão irregular de cimento e teto de vigas cobertas de telha. Ali ficaram guardados, durante anos, os restos dos materiais das obras. A vossa chegada obrigou a repensar a utilização daquele espaço, de modo a que se transformasse num sótão confortável - o vosso quarto. Foi aí que, os três na mesma cama, partilhei convosco o que para mim foram os mais belos momentos de cumplicidade entre avó e netos: desde as histórias que vos contei, aos desenhos animados e filmes que vimos, sem esquecer a guerra das almofadas. Voltei a ser criança, encolhendo o corpo e a idade.

Um dia, estávamos a ver uma cassete VHS com a história bíblica



de José no Egito e, no momento em que apareceram as pirâmides, a surpresa estampada nas vossas caras quando vos disse que já lá tinha estado. Talvez tenha começado, nesse momento, a germinar a ideia de vos enviar postais de todos os lugares por onde ando, passando-vos a mensagem de que há sempre outros mundos (sejam eles geográficos ou interiores) para descobrir e gentes diferentes com outras formas de estar na vida.

Tendo sido avó cedo, como Leitora de Português, estava no auge da minha carreira e fora do país, quando ambos vieram encher a minha vida. Apesar disso, os astros jogaram a meu favor tendo as datas da vossa chegada coincidido com as minhas estadias em Portugal: o primeiro, em maio, e o segundo, em junho, como se os dias do nascimento se tivessem alinhado na sequência dos meses. Estar fora não me permitiu ser uma avó presente nos vossos quotidianos. Não vos ia levar, nem buscar ao colégio (aconteceu muito raramente), não fiquei noites convosco para que os vossos pais pudessem sair, nem tantas outras coisas que, habitualmente, as avós fazem. O facto de as nossas geografias nacionais não se cruzarem também dificultava a desejada proximidade e convívio.

No entanto, como lecionei em países onde as férias de verão eram bastante longas, isso permitiu-me que, além dos natais, convivêssemos não só aos fins de semana, mas ainda durante as férias na praia que gozávamos juntos, bem como algumas quinzenas passadas na minha/nossa casa. Vivemos momentos de felicidade descontínua que, apesar de não colmatarem distâncias, serviram para minorar a falta que de vós sentia.

Mas o que mais nos separou, confesso-o aqui, não foram as minhas longas ausências, mas o ciúme que o meu marido, padrasto do vosso pai, sentia pela relação estreita que ambos tinham comigo, impedindo-me de viver a plenitude da avosidade. Ele nunca percebeu o

quão importante fora para mim ser avó, como também nunca quis ser chamado de “avô”. Desejou ser sempre tratado pelo seu nome próprio, até ao dia em que nos deixou. Embora não o demonstrasse, amou-vos à sua maneira, sem que nenhum de vós percebesse o quanto me doía gerir amores e desamores, estados de alma pendulares, em nome da harmonia familiar. Ser avó é também, por isso, um jogo precário de equilíbrios no trapézio dos afetos.

Acredito que ele nos segue de um lugar que não sabemos se existe, atento aos vossos percursos académicos, e convicta de que se sentirá orgulhoso por saber que tu, Rafa, o mais velho, já trabalhas numa multinacional e o teu irmão mais novo, o Guigo, está em vias de terminar a faculdade.

Preocupo-me e alegro-me com tudo o que vos acontece como se, sendo já dois homens, continuassem meninos. E serão sempre os meus meninos, não de ouro, como cantava Zeca Afonso, mas com as virtudes e defeitos de que todos somos feitos – avós e netos.

Um dia partirei, mas não me esqueço que vos ensinei a conduzir, assim que as vossas curtas pernas chegavam aos pedais do carro. Coloquei-vos um volante nas mãos, instruí-vos na necessidade de meter mudanças, dominar o acelerador e o travão, combinados com o uso da embraiagem, regular a velocidade, mas a rota das vossas vidas terá de ser uma escolha pessoal.

Não imagino como serei recordada, mas uma certeza tenho: marcas terei deixado exaradas no testamento que fui ditando ao longo do tempo em que coexistimos como uma família muito unida e amada.

## Memória e Saudade

*Alzira Serpa Silva*, Jornalista

Ao David

*“A ausência tem uma filha, tem uma filha  
que se chama saudade,  
eu sustento mãe e filha, ai mãe e filha,  
bem contra a minha vontade.”*

(Cancioneiro popular açoriano)

O cancionero açoriano, sabiamente, aponta para a sobrevivência do amor na ausência, sustentado pela saudade e pela memória de um ente querido. Histórias de ausências geram sentimentos únicos, amparados nas memórias, elas igualmente únicas.

O amor é o sentimento mais comum, celebrado e vivido no cotidiano de todas as culturas e de cada ser. Porém, individualmente, único. A diversidade humana ama de bilhões de modos diferentes. Porque cada ser tem a sua história única e ama à sua maneira. O amor